

**S**e há alguma verdade no jocoso ditado popular, “de poeta e de louco todos temos um pouco”, não haveria também se o parafrasearmos dizendo: “De educadores todos temos um pouco”?

O que apresentarei a seguir pode ser resumido em uma simples frase: “Todos podemos e devemos educar.” É evidente que para poder discorrer sobre tal afirmação teríamos primeiramente que entrar em acordo quanto ao significado que atribuiremos ao vocábulo educação. Meu significado preferido está contido na conhecida definição adventista: “A verdadeira educação... é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.” – *Educação*, pág. 13.

Não seria um luxo desnecessário pensar que como educadores (quer sejamos educadores profissionais ou simplesmente por vocação) devemos procurar fazer com que cada aluno obtenha essa tríplice formação? Poderíamos nos conformar com o desenvolvimento de um só desses aspectos?

Refutando essa possibilidade por considerá-la desequilibrada, recordo-me do que um dos educadores mais qualificados de sua época disse: “O cultivo exclusivo das faculdades mentais poderia talvez produzir um grande intelectual, mas provavelmente com pouco contato com as coisas práticas do viver diário.” O desenvolvimento só das faculdades espirituais poderia formar um teólogo consumado, quem sabe um ermitão, ou pior ainda, um fanático. Por outro lado, o desenvolvimento só das faculdades físicas poderia chegar a produzir – e hesito em repetir as palavras que o autor usou – um grande animal – imagem esta que me causou grande repulsa por ser naquela época apenas um adolescente. Hoje, muitos anos depois, inclino-me benignamente a imaginar o ânimo de quem assim expressou o propósito de evitar que tal realidade acontecesse. Na verdade, quase nunca se manifesta um só dos três aspectos do desenvolvimento. No entanto, poderia predominar ameaçadoramente um deles, ou dois, com o rompimento do equilíbrio desejado.

Na maioria dos países desenvolvidos e até nos denominados países em desenvolvimento acham-se em vigor dois sistemas educacionais: o público e o particular. Ambos aspiram oferecer todo o necessário para a educação e formação de seus alunos. Pareceria inútil sugerir que se acrescentasse um número, sem dúvida

# Educação Por Todos e Para Todos – Utopia ou Possibilidade?

**León Gambetta**

imenso, de outros professores além dos já existentes, como a denunciar uma deficiência incurável no que os professores profissionais desses sistemas oferecem.

Em busca de uma resposta, não faria mal apontar alguns fatos de grande importância que poderiam justificar tal empenho. Para isso, nada melhor do que avaliar o que ambos os sistemas têm alcançado.

Começando pelo sistema público, que aprofunda suas raízes mais novas no século dezenove com Horace Mann como seu principal arquiteto e construtor. Desse sistema há bastante que se salva: Tem tornado a educação acessível, nos três níveis, a todas as crianças, adolescentes e jovens e mesmo a pessoas adultas, especialmente nos Estados Unidos (e por extensão em grande número de outras nações), com a conseqüente alfabetização e/ou preparo vocacional, profissional, científico e cultural de seus habitantes. Tem proporcionado a formação cívica, social, intelectual e democrática de um grande número de pessoas de ambos os sexos, por várias gerações. Tem incentivado o amor à pátria com seus emblemas e instituições. Tem incluído a ciência como matéria fundamental para a educação, e fornecido às escolas os instrumentos e equipamentos de laboratório necessários para comprovar as afirmações científicas. Deste último item se derivou

uma série interminável de descobertas e invenções em benefício da medicina, dos meios de transporte, da comunicação da palavra e do pensamento, da exploração espacial e em favor do desenvolvimento científico e tecnológico do país a que tem servido.

Contudo, apesar de suas boas qualidades, não posso deixar de salientar um aspecto desse sistema que tende a neutralizar em boa medida sua eficácia: a filosofia que o rege – sua carência quase total do legítimo princípio espiritual, ao colocar como base de seu ensino a teoria da evolução.

Vamos agora ponderar, meramente, sobre o que se obtém através do sistema particular. Para sermos justos temos de admitir seu débito para com seu competidor, o sistema público. De fato, a fim de conseguir reconhecimento de seus planos de ensino, bem como reciprocidade e validação de cursos e notas junto ao sistema público, teve que adotar praticamente todas as mesmas disciplinas. Então, por que pais e alunos haveriam de pagar anuidades ou taxas escolares, freqüentemente proibitivas, quando o sistema educacional público requereria um gasto muito menor?

A resposta é que no sistema educacional particular existem alguns elementos singulares de incalculável valor que justificam sua necessidade. Para começar, ele goza de ampla autonomia, o que não

se pode esperar do sistema público. Com base nessa maior liberdade, pode reservar a si mesmo uma orientação filosófico-pedagógica que se harmoniza com as metas dos grupos, geralmente religiosos, que o mantêm. Ele lhe permite colocar num mesmo nível o que se ensina na sala de aula com o que é ensinado no lar e na igreja. Ao mesmo tempo, se a escola é cristã, coloca a Deus Criador, Mantenedor e Redentor como o foco central de seu ensino, pois adota como princípio próprio aquilo que os autores bíblicos defendem: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.” Prov. 15:33. Além disso, aceita a firme admoestação do salmista contra a negação deste princípio: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus.” Sal. 14:1.

Devido a seu alto custo, o sistema particular só pode contar com um número limitado de alunos, o que lhe permite controlar com maior eficácia o comportamento em sala de aula e nos dormitórios, no caso de internatos, de modo que o aluno que se atreva a desafiar os regulamentos da escola seja expulso da mesma por não respeitar o compromisso que assumiu. Além do mais, a escola particular pode, em maior grau do que a escola pública, cultivar cortesia, princípios morais e sociais, respeito e amor aos pais, ao lar e à sociedade.

A essa altura nos deparamos com a pergunta principal: Não bastaria o esforço

conjunto dos sistemas já mencionados para a formação total do estudante, seu preparo para a vida, sua orientação correta? Todos nós sabemos que não. A proposição de Sócrates: "Maior conhecimento, melhor conduta", já deixou de ter o valor absoluto que lhe fora atribuído. Com frequência as coisas funcionam no sentido oposto. Se a pessoa é carente de valores morais, muito conhecimento pode ocasionar grande dano, como comprovam comerciantes, advogados e legisladores inescrupulosos, ou o cientista que nega a existência de Deus. Por isso se torna imperativo que outro sistema educacional entre em ação, o que poderíamos denominar de programa extracurricular, que combinado com o esforço dos pais pode impedir as deficiências e erros das aulas profissionais.

O que esses novos educadores teriam a audácia de incluir em seu programa extracurricular, carente de edifício escolar, salas de aula e equipamentos? Pretenderiam fazer, por assim dizer, uma emenda ao plano dos professores e professoras que receberam formação pedagógica de alta qualidade? Certamente que não. O fato é que não se trata de uma confrontação em matéria educacional como o apresentado. Trata-se de um intento que poderíamos chamar de cooperativo. Convém lembrar que os dois sistemas mencionados devem abranger estritamente um determinado material em aula, em tempo limitado. Quando, então, poderiam os educadores em geral tomar tempo e encontrar lugar para sentar-se com o aluno ou aluna e escutar seu problema de abandono dos estudos, iniciação no uso do cigarro, álcool ou drogas, sua gravidez, no caso das moças, seu lar destruído, seus desentendimentos com os pais e demais familiares, principalmente no caso dos adolescentes, e sua frustração caso estejam perseguindo sua meta legítima?

Toda ocasião é propícia para ajudar uma pessoa angustiada ou que enfrenta algum problema. Para cumprir tão alta missão, fácil e ao mesmo tempo difícil, como a apresentada nas páginas que precedem este artigo, é necessário levar em conta certas condições, das quais destaco algumas: Amar o aluno com abnegado interesse. Compreendê-lo. Respeitar seus sentimentos. Ser oportuno no momento de agir. Ser discreto com o que ele ou ela nos confiam. Saber ouvi-los. Saber dialogar com eles. Infundir-lhes confiança em si mesmos e em Deus.

Concluo essas considerações na esperança de que aquilo que senti o desejo

de escrever possa incutir em alguém o desejo de que faça parte de sua vida o servir de educador, professor auxiliar para os muitos alunos, e não alunos, que estão ao nosso alcance e que clamam para que essa mão amiga lhes seja estendida a fim de ajudá-los a enfrentar e resolver sabiamente seus problemas.

Como prova de que ninguém deve sentir-se excluído de participar desse tipo de educação complementar extracurricular, indico a seguir uma série de pessoas, organizações sociais, meios e situações que poderão desenvolver tão bela e necessária realização.

- Todo lugar, uma sala de aulas.
- Toda ocasião oportuna, um momento áureo para educar.
- Toda pessoa, um educador extracurricular.
- Todo membro de família, de parentela, de vizinhança, de igreja, um educador responsável e competente.
- Toda pessoa: criança, adolescente, jovem, adulto, promissor ou não, um aluno digno de ser levado em consideração.
- Todo educador, um aluno e educador ao mesmo tempo.
- Todo aluno, um possível educador de seu educador.
- Tudo o que rodeia o aluno, ou vive em seu interior, um meio para sua educação.

- Todo recurso tecnológico, pedagógico, psicológico, pediátrico, uma verdadeira ajuda ao educar.
- Toda escola lícita, criada de forma funcional, de modo geral um instrumento útil para os fins que persegue.
- Toda crítica ao método utilizado, sendo bem recebida, é uma contribuição positiva para a tarefa.
- Todo sistema, método ou procedimento educacional, um material suscetível de aperfeiçoamento ou melhoramento.
- Toda autoridade: familiar, da vizinhança, docente, social, política, econômica, cultural e religiosa, uma entidade em débito para com a educação a que cada pessoa tem direito, qualquer que seja sua condição ou idade.

Junto com essas proposições vai um convite para avaliá-las, e até mesmo corrigi-las ou melhorá-las. Fazem parte de um livro em preparo onde se abordará outros temas também relacionados com a educação.

---

*O Dr. León Gambetta é educador jubilado que reside em Angwin, California. Serviu como professor na Argentina, bem como na La Sierra University e Pacific Union College nos Estados Unidos.*

---